

2
3877
19

J. A. PIRES DE LIMA

Uma santa barbada

(A PROPÓSITO DA LENDA DE SANTA VILGEFORTE)

Separata do n.º 1, 7.º ano,
dos Arquivos de História da Medicina Portuguesa.

PÓRTO

Tip. a vapor da "Enciclopédia Portuguesa Ilustrada"
47, Rua Cândido dos Reis, 49

1916

UMA SANTA BARBADA

180.

180.

B
3847
J. A. PIRES DE LIMA

Uma santa barbada

(A PROPÓSITO DA LENDA DE SANTA VILGEFORTE)

Separata do n.º 1, 7.º ano,
dos «Arquivos de História da Medicina Portuguesa»



PÓRTO

Tip. a vapor da "Enciclopédia Portuguesa Ilustrada"
47, Rua Cândido dos Reis, 49

1916

Uma santa barbada

(A propósito da lenda de Santa Vilgeforte)

Mulher barbada
De longe a saúde.

«Si vous avez quelques cas de femmes à barbe, d'hommes ou de femmes à très longues chevelures, etc., j'en ferai mention dans mon prochain livre». Assim me escrevia Le Double em 13 de Março de 1911, solicitando materiais para uma obra, que foi infelizmente das últimas do sábio anatómico *tourangeau* ⁽¹⁾.

Pouco depois respondia-lhe, enviando modesta contribuição portuguesa, tanto para aquela obra, como para outra sobre as variações da coluna vertebral.

Citava-lhe a Brizida de Penharanda, matrona espanhola do Século xvii, que possuía barba respeitável de um palmo de comprido, e que vem mencionada em Zacuto ⁽²⁾.

⁽¹⁾ LE DOUBLE & HOUSSAY — Les velus, contribution à l'étude des variations par excès du système pileux de l'homme, Paris 1912.

⁽²⁾ ZACUTI LUSITANI Operum tomus primus, Lvgdvni. M.DC.LXVII, p. 467.

e em Gaspar dos Reis Franco ⁽¹⁾. Naquele tempo acreditava-se piamente na mutação dos sexos e a razão dessa crença filia-se com certeza em casos de pseudo-hermafroditismo e de pilosismo no sexo feminino. Reis Franco escreveu um capítulo sobre tão estranho assunto e o próprio Zacuto conclue gravemente: «Fœminæ ergo in viros verti possunt».

Como se vê, pessoas de elevada categoria mental do Século xvii julgavam que as mulheres podiam transformar-se em homens. Do perineo raso duma mulher rompiam, como uma hérnia, os atributos da virilidade, e imediatamente em todo o organismo surgiam os outros caracteres masculinos.

Montaigne ⁽²⁾ diz ter visto um homem, que o bispo de Soissons crismou com o nome de Germano, e que até á idade de 22 anos era tido como mulher e se chamava Maria. Quando Montaigne o viu, era um solteirão velho e muito barbudo; por elle soube que os seus órgãos sexuais masculinos lhe tinham brotado ao dar um violento salto. Ainda no tempo da visita do bom do autor dos *Essais*, as raparigas do sitio costumavam aconselhar umas ás outras que tivessem cautela, não estendessem demais as passadas, que não fossem ficar rapazes como Maria-Germano.

Alem das indicações que forneci a Le Double sobre casos portuguezes, outros colheu elle de diversa fonte, e tão abundantes lhe pareceram as observações luso-espanholas, que chegou a considerar a nossa península como a região mais fértil em mulheres barbadas. O sol da Ibéria faria rebentar os pêlos da face com a mesma exuberância com que nascia o trigo nos nossos campos!

Só pelo livro de Le Double & Houssay tive conhecimento duma scena burlesca que se passaria em Lisboa por ocasião do 5 de Outubro. No momento da expulsão das irmãs de caridade, alguém notou que, num grupo de reli-

(1) GASPAR A REIES FRANCO — *Elysivs jvcvndarvm qvæstionvm campvs*.

(2) Les essais de MONTAIGNE publiés d'après l'édition de 1588 avec les variantes de 1595. Chap. XXI — Paris, Flammarion éd.

giasas, uma delas apresentava uma sombra suspeita no queixo, bem como um bigode indiscutível. A multidão atirou-se enfurecida contra o *jesuita disfarçado*, que passou um mau boçado. Depois verificou-se que a pobre criatura de macho só tinha a barba, um tanto crescida, aliás, por não ter podido rapá-la durante os dias da revolução.

Considero menos justa a opinião de Le Double, mas não é meu intento demonstra-lo, fazendo o censo das hirsutas no nosso país. Essa tarefa seria muito difficil, sobretudo agora, desde que a agulha electrolítica vai tornando glabras tantas faces outr'ora pilosas.

*

Revelou-me a citada obra a existência duma santa lusitana, que é objecto dum culto muito intenso em diversos países da Europa. Pelas averiguações bibliográficas a que procedi, concluo que a mesma santa é conhecida por nomes muito diversos, variando de terra para terra a tradição da sua vida, bem como as suas virtudes e milagres.

Poucas lendas, dizem Le Double & Houssay, teem inspirado tanto os artistas, como a de *Santa Wildgeforthe*. Parece que já Carlos Magno lhe fez erigir uma capela em 810 e, do Século XII, existe um tríptico de marfim, onde ela se representa crucificada e com um menino ajoelhado aos pés. Os mesmos autores citam grande número de templos francezes onde o culto daquella santa ainda hoje subsiste.

Eis uma das versões da vida de Santa Wildgeforthe: um rei de Portugal (*sic*) tinha uma filha formosissima que se consagrara a Deus, sem o seu pai o saber.

O nosso país fôra invadido pelas tropas de Amarus, rei da Sicilia. O invasor, avistando a princesa, apaixonou-se por ela e, abrandando a sua fúria, quis desposá-la. Como ella recusasse, preparava-se para a raptar, quando a pobre donzela, tendo como única arma a oração, supplicou a Deus que a tornasse feia. Nasceu-lhe então uma longa barba, que curou radicalmente a paixão de Amarus.

O prof. Matiegka forneceu a Le Double, em 1904, a

tradução dum impresso que se distribue aos fieis na igreja do Loreto, em Praga; naquele papel encontra-se a imagem da santa, com a narração da sua vida. Segundo a versão de Praga, *Santa Aflita* vivia no ano 200 na Lusitânia, de cujo rei era filha. Era muito bela e na sua terra chamavam-lhe a Virgem forte (*Wildgeforthe*). Tendo desde nova abraçado a fé cristã, renunciou ao mundo. Seu pai, que era pagão, quis casá-la com o rei da Sicilia. Para escapar ao matrimónio, a princesa pediu a Deus que lhe desse uma fisionomia repelente; Deus ouviu-a e fez-lhe nascer dum dia para o outro uma espessa barba. O pai, sabendo disto, mandou-a crucificar, para que ela tivesse a sorte de Cristo.

Conta-se que, certo dia, um pobre menestrel se pôz a tocar deante da imagem da santa uma ária religiosa. Então a estátua, que possuía sapatos de ouro, deixou cair um, em sinal de agradecimento. O rabequista levou o sapato, mas, ao querer vendê-lo, foi prêso e condenado á morte, por ter praticado um roubo sacrilego. Quando caminhava para o patíbulo, pediu licença para voltar á igreja. Concedida essa última graça, o músico lançou-se aos pés de Santa Aflita e começou a tocar a mesma ária. A santa deixou cair o segundo sapato, ficando assim demonstrada a inocência do menestrel, que foi mandado em paz ⁽¹⁾.

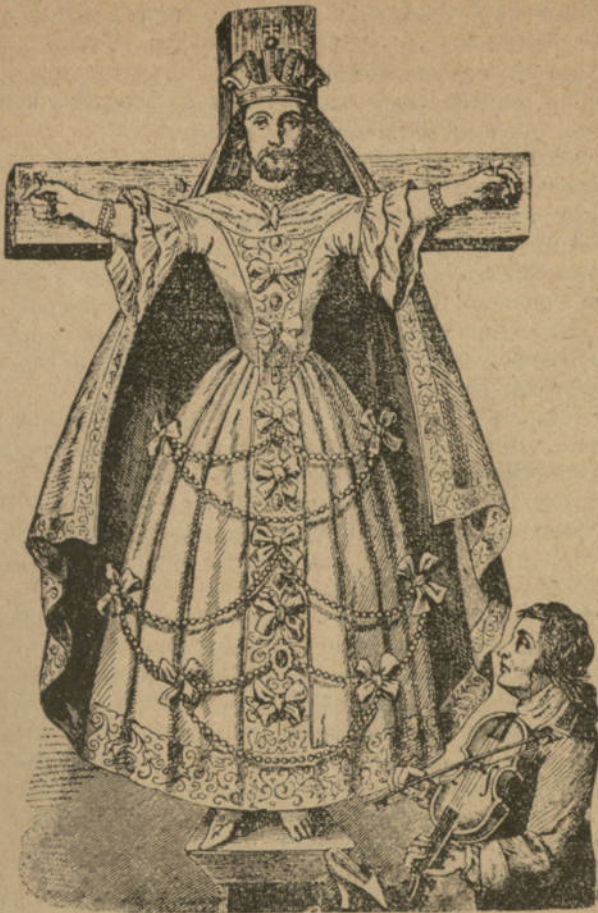
Tal scena é representada em muitas das imagens de Santa *Wildgeforthe*, como a que vai reproduzida adeante.

Huysmans ⁽²⁾, que dela se occupa largamente, afirma que existia no Século xvii, em Saint-Etienne de Beauvais, uma confraria de Santa *Wildgeforthe*.

A santa era lá festejada a 20 de Julho, e em honra dela recitava-se esta oração: «Senhor, pedimos-vos que lanceis um olhar sôbre os vossos filhos, que vos imploram, pelo mérito e pelas preces de Santa *Wildgeforthe*, virgem e mártir, filha de rei. Assim como ouvistes as suas orações, dotando-a de barba, dignai-vos tambem acolher

(1) GUERRA JUNQUEIRO attribue êste milagre a Santa Cecilia. (*O rabequista in «Contos para a Infancia», 4.ª ed. Lisboa 1905).*

(2) HUYSMANS — De tout, Paris 1912.



Santa Wildgeforthe e o seu menestrel (Praga)

Segundo Le Double & Houssay

os desejos dos nossos corações, concedendo-nos um auxílio da vossa divina graça».

Em 1827 a imagem de Beauvais foi retirada da igreja

por ordem do bispo, que reputava o seu culto inconveniente para a religião. Mais tarde, a pedido de muitos fieis, foi a estátua reposta no lugar primitivo, mas só depois de competentemente barbeada. Huysmans (1) ainda a viu antes que um *piadoso imbecil* a tosquiasse.

Na Baviera é a mesma santa conhecida por *Santa Kumernus* e na igreja de Eltersdorf, perto de Erlangen, existe um quadro em que diferentes episódios da sua vida são representados.

Na Suíça a santa lusitana é também muito venerada, assim como na Boémia, onde o seu culto foi iniciado por um belga. Em vários departamentos franceses, como já disse, também se adora Santa Wildgeforth, que em Bêthune é conhecida por *Milleforte*.

Algumas imagens francesas apresentam o ventre volumoso, o que leva as fieis infecundas de certas comunas a recorrer ao seu valimento contra a esterilidade. Em outras partes, enfim, como ela foi desembaraçada por Deus dum pretendente aborrecido, chamam-lhe *Santa Desembaraço* e algumas mulheres mal casadas suplicam-lhe que as liberte dos maridos importunos.

Não terminam aqui as variantes da complicada biografia da santa, nem a sua rica sinonímia.

Croiset (2) adopta a versão do breviário de Siguenza, que dá *Santa Librada* como nascida na cidade de Bahagia, situada na parte ocidental da Espanha. Era filha de Catélio e de Cálzia, que dispunham de poderes reais na Galiza. Cálzia teve dum ventre nove filhos, que todos se converteram secretamente à fé cristã, sendo por isso sacrificados por seu pai. A mais bela, Santa Librada, foi martirizada no ano de 139. O seu corpo existe na catedral de Siguenza, e na paróquia de S. Justo de Madrid ha uma congregação que festeja aquella santa com notável pompa.

(1) *Loco cit.*, p. 279.

(2) CROISSET — Anno Christão, ou exercicios devotos para todos os dias do anno, versão port. do P. F. M. VAZ. Porto 1887. T. III, p. 138. — Julho 20.

Desde o Século xiv que ha em Siguenza o culto de Santa Librada ⁽¹⁾, que é a padroeira do bispado. No Século xvi o bispo D. Fadrique de Portugal, aparentado com a casa real portuguesa, ordenou a reconstituição da capela da bemaventurada.

Villamil procura dar um character de autenticidade histórica a Catélio, pai de Santa Librada. Segundo esse autor, encontrou-se nas ruinas de Mérida uma inscrição que fazia referências a um busto de ouro erigido pela provincia da Lusitânia em honra de Tito César Vespasiano, sendo legado de Augusto o propretor Caio Arrúncio Catélio Céler.

Nem Croiset nem Villamil se referem á hipertricose emotiva da santa. Confrontemos os dados que elles nos fornecem com as informações de alguns hagiógrafos portugueses:

George Cardoso ⁽²⁾ diz que *Santa Wilgeforte* ou *Liberata* era filha de L. Caio Atilio Severo, régulo bracarense, presidente em Galiza dos Romanos, e que nasceu em Valcagia, que hoje dizem ser Baiona.

António de Sousa de Macedo ⁽³⁾ reputa o nosso país tão fértil em santos que a mulher de Catélio deu á luz nove de uma ninhada. Uma delas era *Liberata*, também conhecida por *Vvilgefortis* e em tudesco por *Ontecommera*, a qual foi martirizada na Galiza no ano de 138, indo o seu corpo para Siguenza. Segundo outros seria sepultada em Kale, onde antigamente esteve a cidade do Porto.

Diz ainda Macedo que D. António de Ataíde, embaixador de Filipe iv «viu em Alemanha em hum Altar a imagem desta Santa com hum titulo q' desia: Sancta Vvilgefortis, filia Regis Portugalliae; & q' tinha barba até o Peito: & lhe referiraõ significar o milagre com que um dia amanheceo assi, para encobrir sua bellesa, a hum Principe namorado».

(1) D. MANUEL PÉREZ-VILLAMIL — Estudios de Historia y arte — La catedral de Siguenza, Madrid 1899.

(2) GEORGE CARDOSO — Agiologio Lusitano, t. I. Lisboa M.DC.LII.

(3) ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO — Eva, e Ave ou Maria triumphante, Lisboa, MD.C.LXXVI.

João Baptista de Castro (1) também lhe chama Libe-rata ou *Wilge-Forte*, adornando-a com o título de primeira Doutora Portuguesa. Diz que foi martirizada na cidade do Pôrto a 20 de Julho do ano de 138.

*

Não será preciso ampliar mais as citações bibliográ-ficas para demonstrar que a gloriosa lusitana, venerada com tanta devoção em diversos países da Europa, como santa da porta, pouco mais que desconhecida é na sua terra.

Não são raros os casos de hipertricose, quer locali-zada, quer generalizada, em portugueses de ambos os sexos, mas não me consta que alguns tenham sido estu-dados, quer sob o ponto de vista anátomo-fisiológico, quer sob o ponto de vista clínico.

Le Double & Houssay fazem referências à hipertricose supraciliar da família Velpeau. A mesma anomalia pilosa vi eu no falecido Conde de S. Bento, que tinha a face quasi glabra, ao passo que, por compensação, apresentava duas grossas mechas de pêlos nas caudas das sobrancelhas.

Quando aquele titular pousou diante do escultor Cou-ceiro, para este modelar a *maquette* da sua estátua, parece que se cometeu a pia fraude de aparar as duras sobrance-lhas do conde. Dêste modo, o monumento que se encontra em Santo Tirso não apresenta a referida anomalia. Mas, retratos que ficaram, como um que foi publicado no «Jornal de Santo Tirso» de 25-VIII-1892, mostram a extraordinária exuberância pilosa das sobrancelhas do Conde de S. Bento.

Na freguesia de Areias, daquele concelho, morreu ha poucos anos um pedreiro que tinha na região esternal uma vasta cabeleira cruciforme. Esse indivíduo mostrava-se fe-liz por a Natureza o ter dotado com a peluda cruz, que o li-vrava de toda a casta de malefícios.

(1) JOÃO BAPTISTA DE CASTRO — Mappa de Portugal antigo e mo-derno, t. II. Lisboa, M.DCC.LXIII.²

Vi, em Fevereiro de 1915, no consultório do colega Feiteira, uma recém-nascida com fracturas múltiplas congénitas. Parece-me que se tratava de osteo-psatirose, caso invulgar que aquele colega oportunamente estudará. A criança apresentava a particularidade de ter a pele de várias regiões (braços, coxas, nádegas) coberta de pêlos sedosos, raros e escuros.

Ao excessivo desenvolvimento do sistema piloso sempre se ligou a ideia da fôrça. Haja vista o Sansão do Velho Testamento, ou Pantagruel, que, no dizer de Rabelais, nasceu peludo como um urso. Também vulgarmente se crê que o hirsutismo tem relações com a genitalidade: *Vir pilosus, seu fortis, seu libidinosus*.

Vários ditos populares atribuem aos portadores de pêlos em diversas regiões uma dureza de sentimentos: É de pêlo na venta—diz-se duma mulher irascível; tem pêlos no coração—afirma-se duma pessoa cruel.

A barba masculina considera-se um sinal de proibiçãe e é bem conhecido o factõ, real ou lendário, de ter o vice-rei da Índia D. João de Castro empenhado as barbas honradas.

Apesar de não serem tão vulgares como pensava Le Double as mulheres barbadas no nosso país, a cada passo se encontram na rua buços bem nítidos, ou mentos ricamente povoados de pêlos em faces femininas. Isto não contando as que recorrem aos depilatórios tão anunciados, á electrólise, ou á simples navalha de barbear.

Ha anos, pelo Carnaval, foi eleita rainha dos mercados a mais peluda vendedeira que appareceu no Bolhão. A mulher não se irritou com a troça, e fez bem. Mais resignada ficaria se soubesse que uma autêntica santa á barba deveu um lugar no Paraíso.

